

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CULTURA CAIÇARA COMO FORMA DE RESILIÊNCIA FRENTE ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS ODS 12, 13 e 14

Maria Laura Zanella (Universidade de Taubaté)
Profa. Ma. Michele Gilaberte (Universidade de Taubaté)

O Brasil, com cerca de 9 mil quilômetros de costa, abriga uma grande diversidade de ecossistemas, incluindo manguezais, recifes de coral, praias e estuários, que sustentam aproximadamente um quarto da população nacional residente em áreas costeiras, além de comunidades pesqueiras que dependem diretamente da saúde dos oceanos para sua subsistência e segurança alimentar. Contudo, os oceanos encontram-se sob intensas ameaças, como as mudanças climáticas, a poluição, a sobrepesca e a perda da biodiversidade marinha. Diante desse cenário, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) instituiu o período de 2021 a 2030 como a Década das Ciências Oceânicas para o Desenvolvimento Sustentável, alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

O principal objetivo deste relato de experiência é registrar e analisar, por meio de uma entrevista, os saberes locais de José Donizete, morador da comunidade tradicional caiçara de Caraguatatuba (SP), relacionados à pesca artesanal, à segurança alimentar e às transformações ambientais percebidas ao longo das últimas décadas, buscando compreender como a cultura caiçara se constitui como estratégia de enfrentamento frente à crise climática.

Donizete é maricultor e integrante da Associação de Maricultores e Pescadores da Praia da Cocanha (AMAPEC). A Fazenda de Mexilhão, localizada nessa praia, constitui um importante polo de produção sustentável e de turismo de base comunitária, gerida pela associação. Graduado em Ciências Biológicas aos 50 anos, enfrentou o vestibular e seguiu para a pós-graduação em Meio Ambiente, além de outros cursos. Sua trajetória acadêmica, somada à vivência na pesca, complementa e enriquece seu conhecimento tradicional.

Em sua entrevista, Donizete enfatiza que o equilíbrio ecológico é a base da vida e alerta que, enquanto o ser humano não compreender que os recursos do planeta são finitos, continuará sofrendo as consequências da crise ambiental. Como ele mesmo afirma: “A primeira coisa que se aprende na Biologia é o equilíbrio. Tudo precisa estar em equilíbrio.” Ele fala sobre a abundância de peixes no passado, a perda dos berçários naturais (manguezais e costões rochosos), o impacto do turismo predatório e a importância do conhecimento acadêmico alinhado às práticas tradicionais da pesca. Apesar das mudanças ocorridas em sua vida, Donizete ainda mantém práticas alimentares típicas, como o preparo do famoso peixe Azul Marinho. Relata também a percepção clara do agravamento das mudanças climáticas e como a acidificação dos oceanos interfere diretamente na sobrevivência de espécies.

Destacou, ainda, o papel fundamental da educação ambiental e da valorização da cultura tradicional como caminhos para restaurar o equilíbrio ecossistêmico. Reforça

que a conservação da cultura caiçara, baseada no uso sustentável dos recursos, na transmissão oral de saberes e na convivência harmoniosa com a natureza, é, ao mesmo tempo, resistência cultural e estratégia de proteção ambiental. Donizete encerra com um alerta: preservar a cultura caiçara é também preservar o território e o meio ambiente. Para finalizar, essa vivência foi extremamente significativa para mim. Ter a oportunidade de ver de perto as histórias contadas pelo meu avô e conhecer mais sobre minhas origens foi, de fato, uma experiência incrível.

Palavras-chave: cultura caiçara; pesca artesanal; mudanças climáticas; saber tradicional; litoral paulista.

Referências:

¹ NAÇÕES UNIDAS. Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030). Nações Unidas no Brasil. Brasília, 07 ago. 2023.